

Setembro

Copyright ©

Patricia Gonçalves Tenório, 2020

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Jaíne Cintra

Revisão: Ana Lucia Gusmão e Sandra Freitas

T312s Tenório, Patrícia, 1969-
Setembro / Patrícia Gonçalves Tenório. – Recife :
Raio de Sol, 2020.
53f. – (Quarentena)

ISBN 978-65-89453-00-0

1. FICÇÃO BRASILEIRA – PERNAMBUCO.
I. Série: Quarentena. II. Título.

CDU 869.(81)-3
CDD B869.3

PeR – BPE 20-289

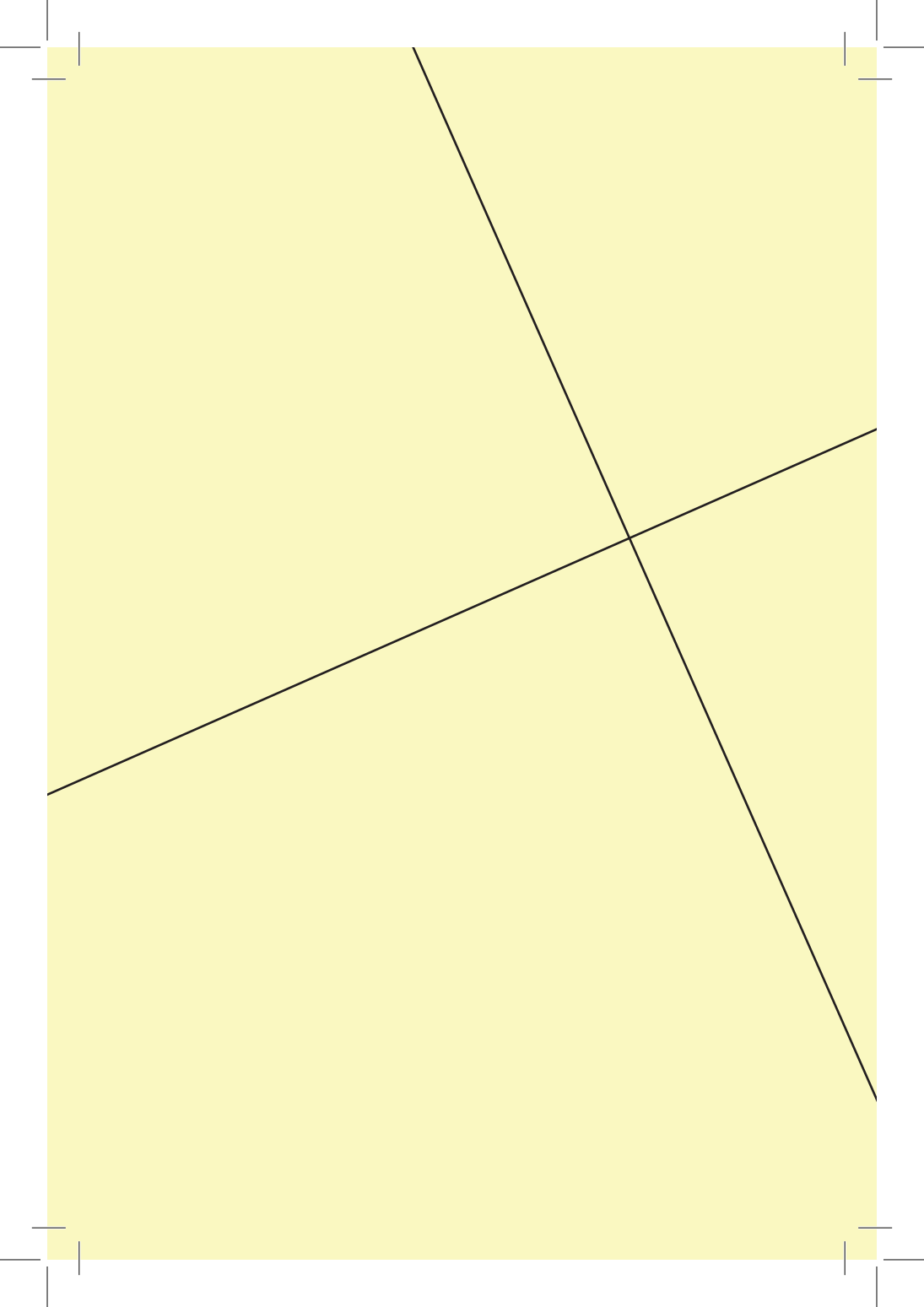
Patricia Gonçalves Tenório

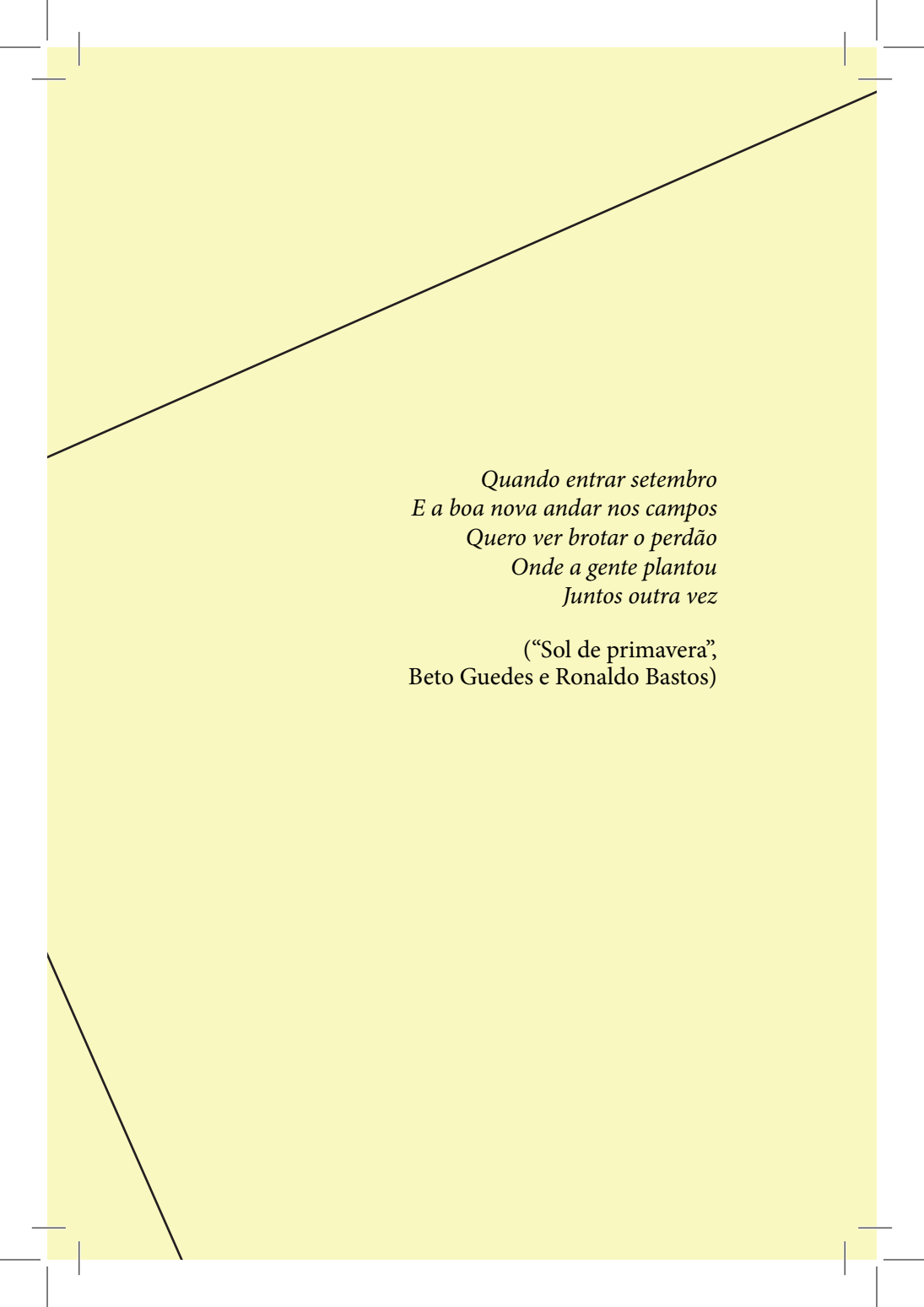
Recife, PE

Setembro

*Coleção Quarentena
Raio de Sol*

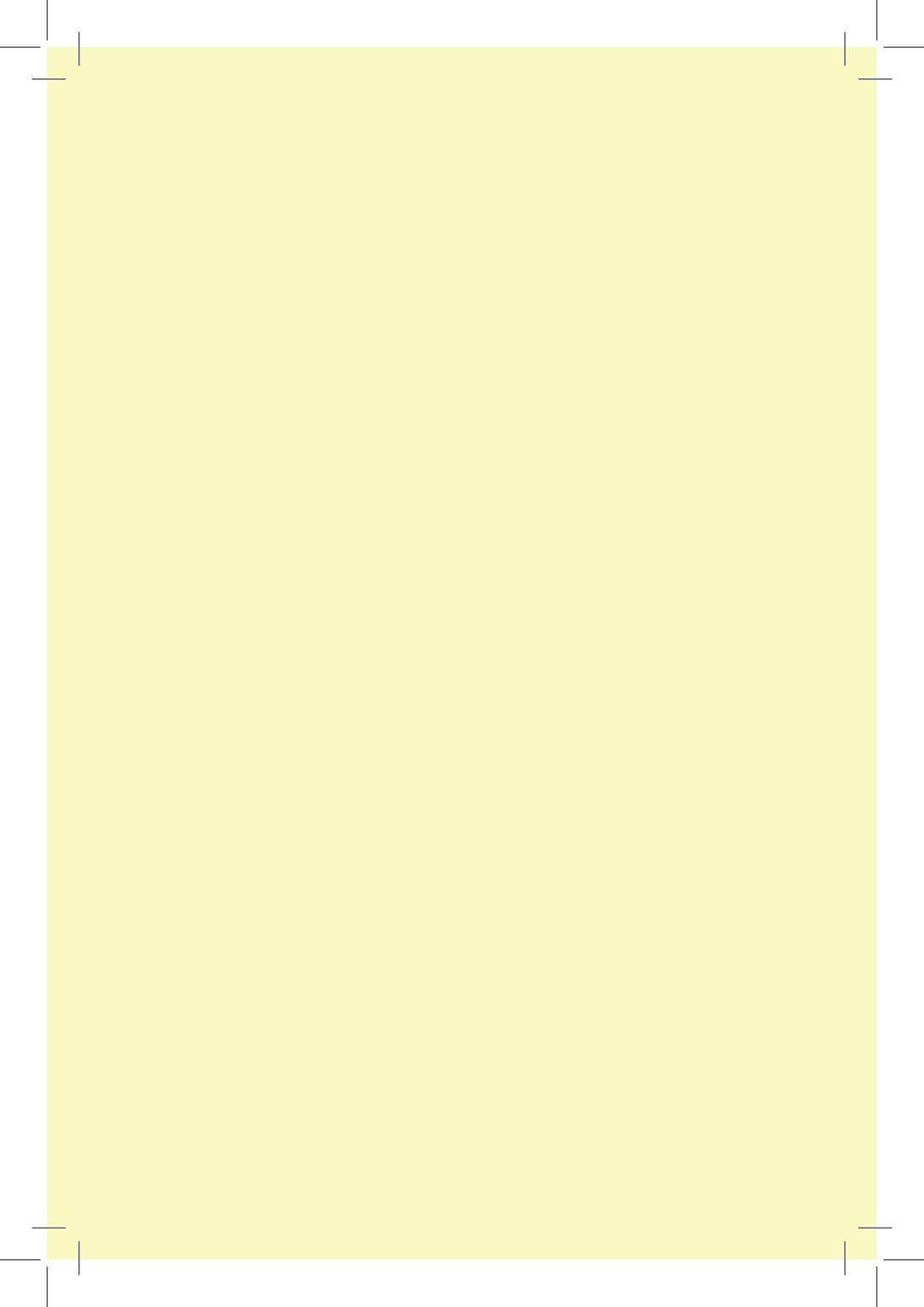
2020

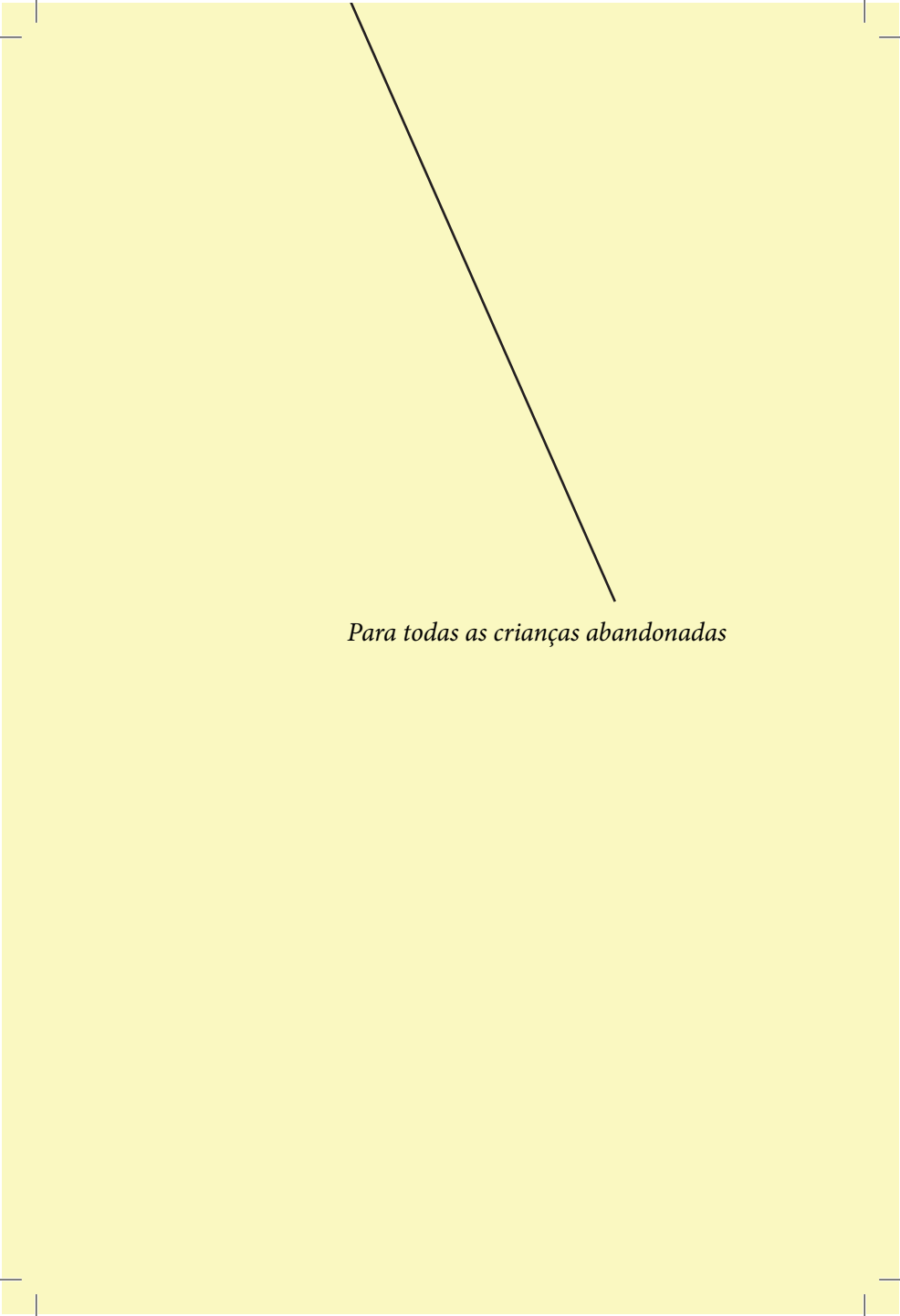




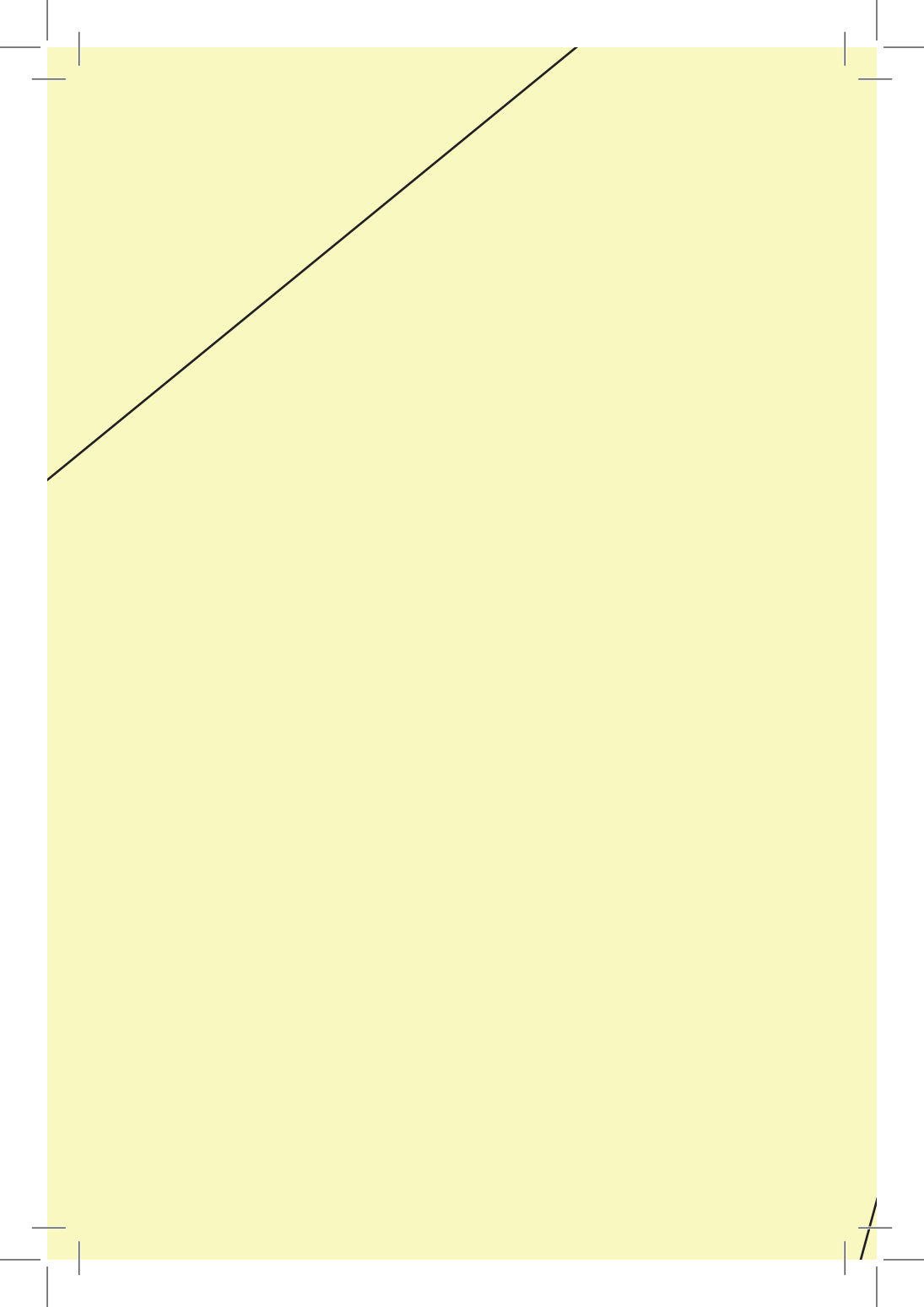
*Quando entrar setembro
E a boa nova andar nos campos
Quero ver brotar o perdão
Onde a gente plantou
Juntos outra vez*

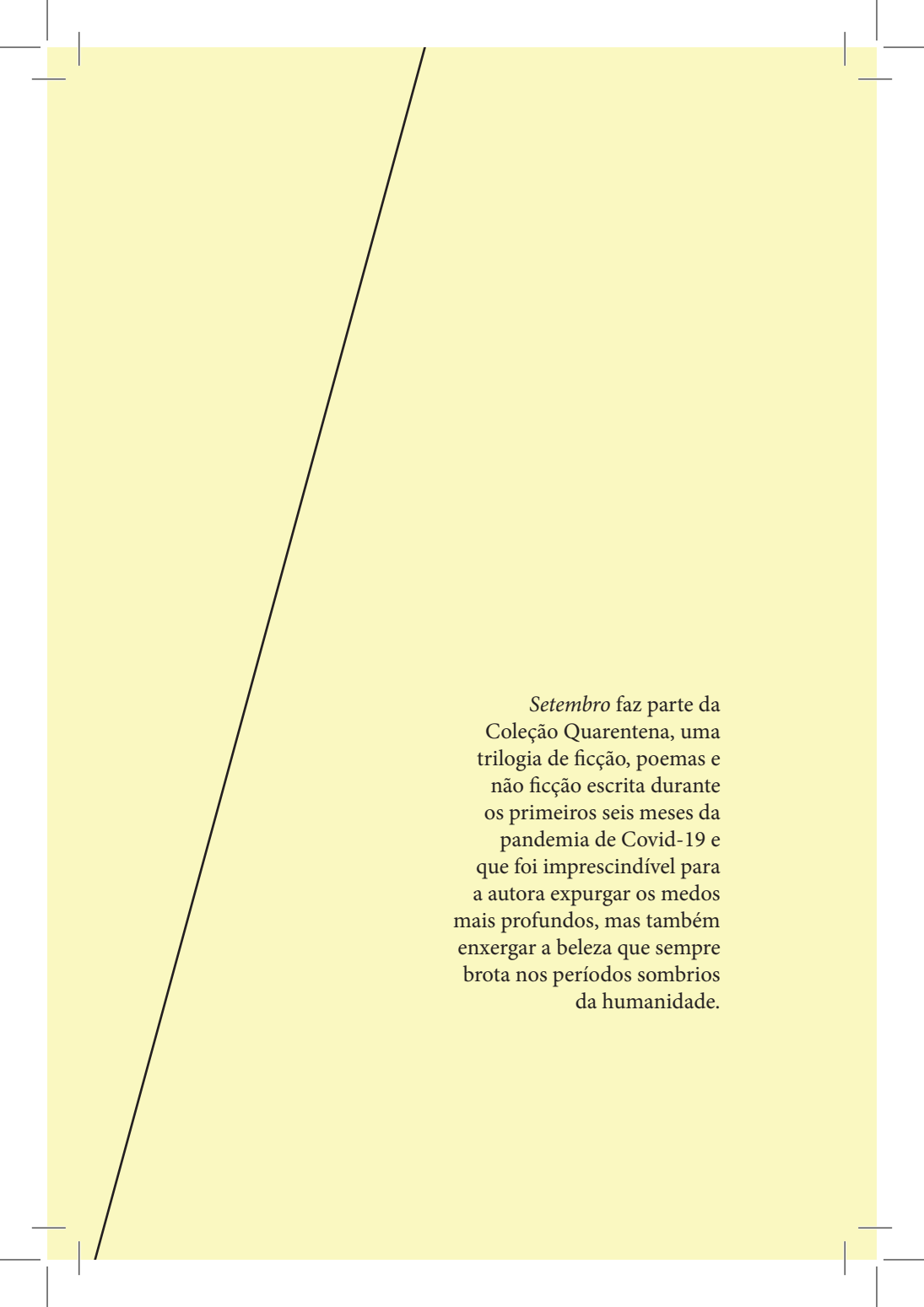
("Sol de primavera",
Beto Guedes e Ronaldo Bastos)





Para todas as crianças abandonadas





Setembro faz parte da Coleção Quarentena, uma trilogia de ficção, poemas e não ficção escrita durante os primeiros seis meses da pandemia de Covid-19 e que foi imprescindível para a autora expurgar os medos mais profundos, mas também enxergar a beleza que sempre brota nos períodos sombrios da humanidade.

Antônio

Mamãe olha para o nosso apartamento. São três quartos, cozinha, área de serviço, varanda, na sala ainda não chegou o sofá – somente depois da quarentena. Nos mudamos para este apartamento, no bairro da Tamari-neira, em dez de março, há sessenta e dois dias, quinze minutos e quarenta e três segundos. Meu relógio é digital, sincronizado com o de Greenwich.

Serei astronauta.

Disse para mamãe um dia. Na festa do meu aniversário de seis anos. Ontem fiz doze; ela fez bolo de banana, pastel de queijo e brigadeiro – uns cobertos com bolinhas coloridas, outros, com tirinhas de chocolate, daquelas pequenas, uns tracinhos.

Serei astronauta. Um dia. Eu disse para mamãe. No meu aniversário de seis anos. Hoje. Acordo assustado, parece que ouço o barulho da porta da frente. Não é bem um barulho, é o clique da fechadura. Vou até a sala. O sol nasce entre a varanda e o piso da sala, o piso de cerâmica marrom vai amarelando, alaranjando, até chegar aos meus pés, e, quando vai subindo, vermelho, para o pijama, na metade das pernas, percebo que a porta está fechada, a sandália havaiana de mamãe não está lá no tapete que ela higieniza todo dia com água sanitária e pinho, a chave do carro de mamãe não está lá em cima da mesinha de mármore branco.

Minha irmã de cinco anos acorda assustada. Onde está mamãe? Ela pergunta. Ela me pergunta e não sei responder. Papai ainda não saiu do quarto. Vovó deve ter descido com a cachorrinha Preta – cachorrinha é um modo de dizer. Preta foi adotada no Carnaval, um pouco antes de nos mudarmos. Ela é da raça labrador e é velhinha. Deve ter uns doze anos. O veterinário avisou na clínica quando fomos dar as vacinas e fazer um exame geral. Preta deve ter a idade de vovó, uns setenta anos de gente.

O pai e a mãe de papai vieram ficar conosco durante a quarentena, na segunda quinzena do mês de maio. Foi uma alegria para papai. Não sei se foi para mamãe. Ela não falou nada para vovó e vovó. Não deu sorriso de boas-vindas nem enfeitou com chocolate ao leite o

sofá-cama do quarto de hóspedes – que na verdade é o meu quarto –, como fez com tia Patricia no ano passado.

Tia Patricia é a melhor amiga de mamãe. É casada com um industrial rico e mora na avenida Boa Viagem. Em um prédio de luxo, à beira-mar. Ela toma banho de sol na varanda para ganhar vitamina D, e vejo mamãe conversando com ela por chamada de vídeo no telefone. Parece que elas se dão muito bem.

O que eu quero dizer é que mamãe não colocou chocolates ao leite em cima do sofá-cama quando vovô e vovó chegaram da casa deles em Olinda para ficar conosco durante a quarentena. Como fez com tia Patricia quando ela levou uma surra do marido industrial no ano passado, e morávamos no bairro da Torre.

Minha irmã tem cinco anos e gosta de mim. Sei que ela gosta de mim, porque desenha sempre nas aulas on-line papai e mamãe pequenininhos e eu grande, e coloca meu nome na camiseta azul do desenho para me representar. Eu também gosto dela – só às vezes perco a paciência quando minha irmã entra no quarto e eu estou falando com Laura no computador.

Laura é minha melhor amiga. Não feito tia Patricia e mamãe. É diferente. Laura acorda e me liga. Vai dormir e dá boa-noite. Tem noites que ficamos até de madrugada falando sobre qualquer assunto. Parece que os assuntos não acabam mais. A gente fala de filme, de viagens pelo espaço, de jogos de xadrez. Dos colegas da escola

que a gente agora só vê nas aulas virtuais. Posso contar tudo para ela. Parece que ela também me conta tudo o que acontece, nos mínimos detalhes. Uma vez, ela me contou um filme tão detalhado que passou o tempo e eu nem me lembrava mais do que ela havia me contado. Um dia, ou melhor, uma noite, eu estava assistindo a um filme no computador, quando comecei a adivinhar os diálogos, as coisas que iam acontecer. Foi aí que lembrei que Laura havia me contado, e era aquele filme mesmo. Mas ela conta melhor do que se eu assistisse.

Sou muito crítico com filme. E quero saber o que sinto, não se os outros falam bem ou falam mal. Somente Laura eu deixo falar e não me importo se ela gostou ou não. Quero só ouvir ela contando. Porque o contar dela é cheio de palavras, e, ao mesmo tempo, é como se não tivesse nenhuma, como se fosse um silêncio melodioso, uma música de sereia, e sou capaz de mergulhar no oceano e me afogar.

Minha irmã pergunta para onde foi mamãe. Não sei responder para ela, papai não saiu do quarto, vovó não voltou do passeio com máscara, álcool em gel e a cachorrinha Preta, vovô dorme e ronca no sofá-cama do quarto de hóspedes – que na verdade é o meu quarto. A única coisa que sei e que não é verdade – somente se os sonhos forem verdadeiros – é que sonhei com mamãe na porta de casa olhando para o nosso apartamento, no bairro da Tamarineira, de três quartos, cozinha, área de

serviço, varanda, na sala ainda não chegou o sofá. E mãe estava triste.

Helena

Helena é professora de Literatura na escola em que os dois filhos estudam e o marido trabalha lecionando a mesma matéria. Arthur dá aula para estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, prepara para o Enem. A esposa trabalha com o primeiro e o segundo anos do Ensino Médio.

Ela casou aos vinte e cinco anos. Casou grávida do filho mais velho. Conheceu Arthur no primeiro dia de trabalho, na sala dos professores. Achou ele alto, engraçado com aquele par de óculos quadrado e preto que permanecia na ponta do nariz, como se fosse bem mais velho. Ele sabia de Literatura muito mais do que ela, com certeza mais do que ela, recém-formada na universidade, e com medo de falar na frente de quarenta estudantes. Arthur se ofereceu para apresentá-la à turma – a turma parecia gostar daquele rapaz alto e de óculos quadrados e pretos que entrou com Helena na sala no primeiro dia de aula.

Então ela perdeu o medo para sempre, até o medo de engravidar, quando transaram na área de serviço do apartamento de oitenta metros quadrados, tentando não fazer barulho para não acordar a amiga Patricia, com quem dividia o apartamento, mesmo quando o orgasmo chegou incontrolável no meio das pernas de Helena e jorrou feito um jato.

Helena não sabia o que fazer com o resultado positivo em suas mãos. Eles haviam começado a namorar há um mês; ela desejava um casamento de sonhos. Mas não teve muitos namorados antes. Aliás, só teve um, e mesmo assim durou três meses. Helena olhou para o resultado, para a janela do quarto e pensou em se jogar.

Não. Ela não era dramática. Preferia os filósofos existenciais, os escritores estruturalistas à melosidade dos românticos. Resolveu conversar com Arthur. Dizer para ele que não precisavam casar. Ela continuaria morando com Patricia no apartamento de oitenta metros quadrados; Arthur, na casa dos pais em Olinda. Eles continuariam namorando. E veriam no que daria depois.

Arthur passou dois minutos calado. Não disse sim. Não disse não. Somente quando o sangue voltou ao rosto ele respondeu que de jeito nenhum, iria assumir a criança, iriam casar e morar por um tempo com os pais, até alugarem um apartamento para eles, terminar de decorar o apartamento quarto, sala e cozinha

no bairro da Torre e se mudar uma semana antes de Antônio nascer.

Arthur

Meu pai contava essa história quase sempre. De que se apaixonou por mamãe ao vê-la na porta da sala dos professores, meio perdida, no primeiro dia de trabalho. Mamãe estava com uma camisa verde-musgo, uma saia plissada bege, um diadema cor de prata enfeitava os cabelos cacheados.

Ultimamente, ela não dizia mais nada quando ele contava a história pela enésima vez. Eu deveria ter desconfiado, porque antes ela dizia Para com isso, Arthur, ou sorria, ou ficava com o rosto vermelho – o rosto dela é bem branquinho. Mas, ultimamente, ela não dizia mais nada, nem sorria, nem ficava com vergonha. Mamãe andava muito estranha desde que vovô e vovó vieram ficar conosco durante a quarentena.

Meu avô é um homem simples, apesar de ele e minha avó morarem numa casa espaçosa em Olinda. Ele serviu à Marinha, é aposentado, e louco por minha avó. Quando papai tinha sete anos, vovô sofreu um acidente de carro quase em frente de casa, e ficou em coma por um mês no hospital. Saiu do coma, mas perdeu a força nas pernas e caminha com dificuldade.

Minha avó começou a tomar conta de tudo. Dos pagamentos das contas, da arrumação da casa, cozinha e da lavagem de roupas. Só não passava, porque a diarista ia duas vezes por semana fazer isso, limpar quintal e fazer uma faxina grossa – feito vovó costumava dizer.

Papai é filho único. Vovó deu toda a atenção para ele, não trabalhava fora, mesmo depois que vovô se acidentou. Mas papai era muito estudioso, e não ficou mimado com os carinhos de vovó.

Foi o primeiro da turma no colégio todos os anos. Na faculdade de Letras, a mesma coisa. Recebeu o título de laureado e o emprego na escola em que ele e mamãe trabalhavam até durante a quarentena, mesmo que de maneira virtual.

Papai teve duas namoradas antes de mamãe. Uma era vizinha de casa. A outra, colega de faculdade. A vizinha era toda correta e protegida. A outra, ele descobriu que namorava com dois rapazes ao mesmo tempo. Então ficou sem namorar durante anos, até encontrar mamãe na porta da sala dos professores.

Quando mamãe contou que estava grávida, ele passou quase dois minutos calado. Não sabia o que responder, não sabia o que fazer com aquela notícia em suas mãos. Era tudo o que desejava, um filho. Mas não queria um filho assim, nas carreiras, tendo de arrumar mais dois empregos para sustentar a família e não ficar para sempre na casa dos pais. E conseguir, por intermédio de um amigo, alugar um apartamento no bairro da Torre, próximo a uma fábrica de tecidos abandonada. Mas não importava o local, o que importava era estar na sala de cirurgia, vendo aquele menininho com a pele roxa toda despelando e as unhas grandes no tamanho de cortar por haver passado do tempo, muito cabelo preto na cabeça e quase abrindo os olhos, e, de maneira que nunca imaginou, saltou dos lábios de papai, depois de quase dois minutos calado, que iria assumir a criança, morarem um tempo com vovô e vovó, e eu me chamaria Antônio.

De maneira diferente do meu caso, minha irmã foi toda planejada. Mamãe sabia o dia em que... Papai obedecia ao que... E nove meses depois nasceu a irmã que divide o quarto comigo enquanto vovô e vovó estão no de hóspedes, que antes era meu. Eu não me importo que vovô e vovó fiquem no meu quarto. Também não me importo de dormir com minha irmã. Contanto que ela não entre, de maneira inesperada, justamente quando Laura tirou a camisa e estava quase desatacando o sutiã cor da pele.

Não sei o que aconteceu comigo. Tudo ficou tenso. Lá embaixo, inchado. Precisei ir ao banheiro antes que algo aparecesse, que minha irmã e Laura vissem, minha irmã fosse contar para mamãe e papai.

Na quarentena, andei navegando em uns sites que meus colegas falaram para mim. As mulheres têm uns seios enormes; as nádegas também. Tem o site que uma loura beija uma morena e esfrega aquela... na... da outra! Muito estranho, não quero dizer que sim, mas também fico com lá embaixo inchado... E dói. E queima. Até que vou ao banheiro e despejo tudo no vaso sanitário.

Laura disse que mostraria os seios se eu mostrasse lá embaixo. Eu concordei. Mas no momento em que ela tirou a camisa e ia quase desatacando o sutiã cor da pele, minha irmã entrou no quarto e eu tive de sair correndo para o banheiro.

Papai veio conversar comigo. Ele é muito calmo. Paciente. Diferente de mamãe. Ela é toda nervosa. Não sabe conversar sobre essas coisas. Papai me diz que é normal eu estar sentindo... essas coisas. Que eu vou crescer, encontrar uma pessoa certa para fazer... a coisa certa, e que vai ser muito bom. Eu perguntei se mamãe foi a pessoa certa para ele. Ele apenas sorriu.

Vovô e vovó vieram da cidade de Olinda para o bairro da Tamarineira, porque a diarista adoeceu do vírus.

Vovó tem setenta anos. Vovô, setenta e cinco. Eles estão no grupo de risco, principalmente vovô, por causa dos pulmões. Mas isso não foi motivo para mamãe ficar alegre com a presença deles aqui em casa, com eles dormindo no meu quarto – ela não colocou os chocolates ao leite em cima do sofá-cama.

Eu me pergunto, e talvez papai também se pergunte, quando sair do quarto e vir a carta endereçada a ele, em cima da mesinha de mármore da entrada, no lugar da chave do carro: será que mamãe não aguentou a quantidade de trabalho, depois da chegada de vovô e vovó, e fugiu com o tio Felipe, pai de um colega e dono de uma empresa de publicidade, para alguma praia longe daqui?

Alícia

Alícia nasceu em sete de setembro e todo ano comemora com o Dia da Independência do Brasil. Este ano, como será? Como comemoraremos neste ano o aniversário de minha irmã?

Minha irmã pergunta para onde foi mamãe. Papai acaba de sair do quarto, de pijama ainda, com a cara de sono ainda, e coloca Alícia no colo. Ele vem em minha direção. Vê a carta de mamãe em cima da mesinha de mármore. Faz de conta que não vê. Leva minha irmã para a cozinha e prepara uma papa de amido de milho, duas xícaras de chá de leite, uma gema de ovo, uma colher de chá de essência de baunilha, duas colheres de sopa de açúcar demerara. Coloca minha irmã na cadeirinha de refeições com uma boneca bebezinha no colo e a papa para esfriar no balcão da cozinha. Vai em direção da carta.

Entra no quarto. Demora uns dez minutos. Volta com os olhos vermelhos, o nariz vermelho de tanto en-

xugar. Meu pai dá a papa que esfriou para a minha irmã. E olha para mim. Durante esse tempo todo não olhou para mim uma única vez. Talvez porque soubesse que eu havia aberto e fechado, cuidadosamente, a carta, e lido antes dele. Talvez porque eu sou o filho mais velho e não pudesse esconder esse segredo. Talvez porque eu seja o culpado pela formação daquela família que se esvaía em suas mãos.

Minha irmã foi toda planejada. Ela nasceu na hora certa, no desejo certo, mas eu não me importo. Nem fico com ciúmes. Nem com vontade de perguntar nada para papai enquanto ele, com os olhos e o nariz vermelhos, dá a papa de Alícia na cadeirinha de refeições da cozinha. Dou alguns passos, chego perto dele, e abraço por inteiro a dor do meu pai.

Quando mamãe engravidou de Alícia, ainda morávamos no apartamento alugado da Torre, próximo à fábrica de tecidos abandonada. Era um apartamento pequeno, dois quartos, contando com o da empregada, que se tornou meu quarto, porque Lúcia não dormia no trabalho. Ela começou com a gente um pouco depois de eu nascer. Quando completei seis meses, ela cuidava de mim enquanto mamãe e papai iam trabalhar. Arrumava a casa e fazia o almoço quando eu estava dormindo, lavava e passava as roupas, dia sim, dia não. Lúcia chegava umas seis

e meia da manhã e saía às cinco da tarde. Todo dia. Menos domingos e feriados.

Mamãe dispensou Lúcia quando o vírus começou a se espalhar. Havíamos nos mudado fazia pouco tempo para o apartamento da Tamarineira. Lúcia não podia vir de ônibus nem de metrô para nossa casa, por causa da contaminação. E poderia nos contaminar. Acho que mamãe se preocupava mais com isso, de Lúcia nos contaminar, do que o contrário, pois reclamava o tempo todo para papai que era muito serviço de casa para fazer, com as aulas da escola, dos estudantes, as minhas e as de Alícia, e, a partir da segunda quinzena de maio, de tomar conta, além da cachorrinha Preta, de vovô e vovó.

Também havia os fornecedores. Eram três: o de frutas e verduras, a farmácia e o mercadinho de produtos de limpeza, higiene e produtos em geral. E o processo de higienizar deixava mamãe exausta. Ela reclamava quando eu tentava ajudar, dizia que eu não fazia direito, que devia deixar por quinze minutos as verduras e as frutas na água sanitária, para depois enxaguar com detergente e colocar para secar. Nos pacotes de plástico, eu devia passar uma esponja limpa com álcool 70 ou álcool em gel. E eu sempre deixava algum cantinho sem limpar – ela dizia. Depois da terceira tentativa, não ajudei mais.

Meu avô às vezes fazia xixi no sofá-cama. Alícia voltou a fazer também. Ela não fazia mais há uns dois anos. E isso irritava – profundamente – mamãe. Eu a

entendo. Porque, depois que mamãe foi embora, quem lava o colchão de minha irmã e o sofá-cama de vovô e vovó sou eu.

Francisco e Alda

Vovô Francisco e vovó Alda se conheceram depois da Segunda Guerra Mundial. Eram crianças, estudaram no mesmo colégio, cresceram juntos. Ela via vovô namorando as amigas, e não dizia nada. Vovô chegou a noivar com uma delas, e vovó não se importava. Mas quando, no baile de formatura do curso Normal para professoras, vovô tirou, como sem querer, vovó para dançar, mesmo sendo noivo, vovó sentiu aquele estalo. Talvez o estalo que senti quando vi Laura pela primeira vez. Ela esperava a mãe apanhá-la na saída da escola. E eu esperava a minha também.

Francisco e Alda se casaram, e, em menos de um mês, ele partia para o quartel da Marinha Nacional. Ele queria lutar feito os heróis das grandes guerras, mesmo que fosse atingido por bombas e metralhadoras, como ele via nos filmes de Hollywood. Mas foi atingido uns sete anos depois, quase na frente de casa, por um caminhoneiro bêbado, desgovernado. E nunca mais a vida foi a mesma sem a força nas pernas, a guerra não se venceu nem se perdeu. Até o início da quarentena.

A diarista mandou avisar que estava com o vírus. Vovó Alda ligou para o filho, angustiada, sem saber o que fazer. O que iria acontecer com eles? Será que pegaram o fatídico vírus? Vários amigos estavam morrendo, e ninguém podia ir aos velórios, participar da despedida, realizar as honras de um funeral. Arthur disse para se acalmarem, para arrumarem uma mala com roupas, remédios, livros, enfim, com os itens que mais precisassem, que ele iria apanhá-los em Olinda.

Foi a primeira saída de carro depois do lockdown. No início da quarentena, saíamos uma vez por semana com a cachorrinha Preta, sem descermos do carro, de máscaras e com um potinho de álcool em gel, para passearmos na cidade de Olinda, no bairro do Recife Antigo, na praia do Paiva, mas não fomos até a praia de Maracaípe, no município de Ipojuca, a uma hora de casa. Mamãe começou a reclamar do processo imenso de higienização na volta, de que a cachorrinha ficava enjoada tanto tempo no carro, que a cachorrinha iria vomitar no sofá-cama do meu quarto e mamãe teria de limpar, e com isso desistimos. Mamãe não disse nada sobre a ida de papai para Olinda apanhar vovô e vovó. Não reclamou por eu querer ir com papai e a cachorrinha, não disse que ela ficaria enjoada. Não disse nada. Simplesmente se trancou no quarto com Alícia, com a desculpa de que iria ajudar minha irmã a fazer as tarefas atrasadas das aulas virtuais da escola.

O guarda na esquina do apartamento nos parou. Estávamos de cinto, inclusive a cachorrinha Preta. O carro

estava em ordem, mas o guarda pediu a documentação que autorizasse sairmos de casa. Papai explicou que estava indo apanhar meus avós em Olinda para ficarem conosco durante a quarentena. O guarda não aceitou. Papai então lembrou de um amigo que trabalhava no departamento de trânsito. Na verdade, era um dos chefes de lá. Papai ligou, o chefe falou com o guarda, e seguimos desconfiados para a casa de meus avós.

Vovó Alda estava muito triste por deixar a casa sem ninguém. Pediu, por telefone, que a vizinha viesse uma vez por semana colocar água nas plantinhas, mas vovó não tinha certeza se a vizinha atenderia ao pedido. Despediu-se de cada canto da casa como se fosse a última vez que os visse. Conversou com a samambaia. Fez carinho no comigo-ninguém-pode, colocou, sem aceitar a ajuda de papai, a mala no porta-malas. Acomodou vovô no banco da frente do carro, fechou a porta e o portão da casa, e sentou comigo e com a cachorrinha Preta no banco de trás. Partimos.

Mamãe nos recebeu com meios sorrisos. Levou a mala de vovó e vovó para o meu quarto, que passaria a ser deles durante a quarentena. Disse que o almoço estava pronto, que fôssemos tomar banho logo e disse que havia duas bacias de água com sabão líquido e amaciante nos quartos para colocarmos de molho as roupas que estávamos usando. Mamãe não esquecia nenhum detalhe no processo de higienização. Sapatos do lado de fora, e,

se vovô e vovó não fossem de idade, exigiria que retirassem as roupas ali mesmo, no hall de entrada do apartamento. Por serem de idade, tivemos este prêmio: bacias cheias de bolas de sabão em nossos quartos.

Era até bonito de se ver. As bolhas coloridas de sabão. Nem parecia que estávamos em uma pandemia, nem parecia que vovô e vovó haviam deixado a casa de Olinda sem ninguém. Nem parecia que mamãe estaria triste na entrada do apartamento no dia em que fugiu com tio Felipe.

Felipe

O aniversário do filho de tio Felipe foi no salão de festas do flat onde o pai estava morando depois de se separar da esposa. Tio Felipe deixou a mãe dos três filhos por uma estagiária da sua empresa de publicidade. Ela era bem mais jovem do que ele. Tio Felipe, uns cinquenta. A estagiária, vinte e três. Os olhos verdes, cabelos louros, os dela. A tia Julia era bonita, mas nem tanto. A estagiária usava saias curtas. As de tia Julia eram mais longas.

Mamãe foi comigo ao aniversário de dez anos do filho de tio Felipe, Caio. Estudo com ele desde o Maternal, mas ficamos mais próximos faz pouco tempo. Mamãe falou com tio Felipe e com a namorada dele, a estagiária de saias curtas. Eram mesmo curtas, as

saias. E apertadas. Dava para ver que não usava calcinhas. Mas naquela época ali embaixo não ficava inchado. Ainda.

Fomos dançar na discoteca do aniversário de Caio. E mamãe conversando com tio Felipe e a estagiária. E mamãe conversando com tio Felipe sozinho; de repente eles não estavam mais lá, no fundo do salão de festas, perto da escada em caracol que dá para a entrada do prédio. Mamãe, depois, apareceu de repente. Sem batom e despenhada.

Mãe não foi feita para namorar. Assim eu pensava. Só com papai. E mesmo assim em um faz de conta. Eu não conseguia enxergar os dois se beijando, muito menos fazendo... aquilo, muito menos fazendo... aquilo com tio Felipe.

A carta que mamãe deixou para papai não dizia muita coisa. Não revelava para onde eles teriam ido, por que ela foi embora, por que nos abandonou. Só dizia:

“Não aguento mais. Fui embora com Felipe.” – do lado de dentro.

“Para Arthur” – do lado de fora.

Mas papai, de alguma forma, desconfiava antes de acontecer. E, depois que deu a papa de amido de milho, duas xícaras de chá de leite, uma gema de ovo, uma colher de chá de essência de baunilha, duas colheres de sopa de açúcar demerara, levou Alícia para a frente do computador e a ajudou a iniciar a aula virtual.

Vovó chegou com a cachorrinha do passeio. Higienizou com álcool em gel as próprias mãos e as patinhas de Preta, deixou as sandálias de borracha do lado de fora, e entrou para o banheiro do quarto de hóspedes – que foi meu um dia. Ela não me perguntou por que eu ainda estava de pijamas no meio da sala vazia de móveis.

Eu havia me acostumado com a sala vazia. Dava até para andar de patins. Mamãe tinha razão. Era melhor andar de patins na sala, do que colocar máscara, descer para a rua, na volta higienizar rodinha por rodinha dos dois patins, tirar a roupa, colocar tudo no saco plástico e deixar do lado de fora, ficar nu, ir tomar banho no banheiro social do corredor, porque no quarto de minha irmã não havia.

Ficar nu é um problema esses dias para mim. Antigamente, eu não me importava. Mas, desde que começou a nascer cabelo e ficar inchado lá embaixo, acontecia de inchar a qualquer momento, justamente quando eu entrava em casa e alguém poderia ver a minha vergonha. Devia ser o contrário. Lá embaixo ficar tímido de vergonha, mas parece que ele quer aparecer, quer mostrar a todo mundo que é capaz de um dia fazer filho em Laura, ela ficar com a barriga enorme, e nascer com a pele roxa toda despelandando e as unhas grandes no tamanho de cortar.

O vírus

Parece que o vírus chegou ao Brasil no Carnaval. Ele começou na China, numa cidade chamada Wuhan. Começou em novembro de um ano e chegou ao Brasil em fevereiro do outro. Parece que veio de avião, navio, qualquer transporte que atravessasse o Oceano Atlântico.

Se um dia eu for astronauta, poderei ver, lá de cima, o trajeto do vírus. Como se fosse uma linha pontilhada, poderei desenhar, lá em cima, no globo azul, o trajeto do vírus que levou embora pessoas muito queridas para mim. Se um dia eu for astronauta, porque não sei se poderei sair do meu país para estudar fora mesmo tirando notas dez. Porque não é isso mais o que importa. O que

importa é que o Brasil está malvisto lá fora – como ouvi papai falar na reunião on-line dos professores da escola onde mamãe não trabalha mais.

As semanas depois que mamãe fugiu e desligou o celular para que não entrássemos em contato foram difíceis. Não, foram muito difíceis. Porque papai chorava todo dia – eu via todo dia os olhos e o nariz vermelhos. Até o instante em que vovó Alda começou a ter febre.

No início, vovó não disse para ninguém que havia vomitado, nem que estava com dor no corpo, nos olhos, na cabeça, a garganta arranhando, moleza, ardor nos olhos e ao fazer xixi. Mas quando a febre apareceu, papai percebeu na hora, pois vovó fazia muito tempo que não tinha febre.

A febre é uma defesa do organismo, e vovó, depois do acidente de vovô, se defendia o tempo inteiro – precisava cuidar de vovô e de papai menino também. Fazia chá de alho com limão. Tomava colheres e colheres de sopa de mel de abelha, ou colheres e colheres de chá de própolis. E todos ao redor tomavam também. Era uma ordem: onde vovó estivesse não havia gripe, resfriado, febre. Mas o vírus chegou a nossa casa, duas semanas depois que mamãe fugiu.

Papai ligou para uma médica infectologista que foi contratada pela escola, especialmente para atender os funcionários, do zelador, dos seguranças, até a diretora, que era bem velhinha. A médica infectologista orientou

papai a comprar logo os medicamentos, porque o ideal era que vovó tivesse começado a tomá-los antes de a febre aparecer, para não haver pneumonia.

A tosse e a dor no tórax começaram no quarto dia, assim como o cansaço nos mínimos esforços de vovó. E a falta de ar. Vovô dormia com papai agora, e vovó ficava sozinha, trancada no quarto que era deles agora – eu não me importava mais. Só queria que vovó ficasse boa logo, e não precisasse ir para o hospital, e não precisasse ser intubada, e não morresse de parada cardíaca devido às complicações na intubação.

Os dias antes da morte de vovó. Papai ligava todas as manhãs para a médica infectologista. E ligava de noite também. Ela era muito atenciosa, ficava horas e horas com papai ao telefone, e ele sabia que ela atendia outros pacientes. E graves. E na UTI. Ela perguntava por mim e por Alícia, como estávamos, como vovô estava, se ele sabia de vovó, que era bom começar a prepará-lo para o final.

Estranho aquele final. Era para vovô ir primeiro, ele que era o mais doente, ele a quem vovó cuidara com tanta atenção, ele que eu vi chorando, pela porta entreaberta do quarto, enquanto papai contava para vovô que vovó partira para sempre, para o céu, e além.

Eu acredito que vovó está no céu. Eu preciso acreditar que um dia serei astronauta, e poderei desenhar, lá em cima, no globo azul, o trajeto do vírus que levou embora pessoas muito queridas para mim.

Não houve velório; nem eu, nem Alícia, nem vovô fomos ao cemitério para o enterro, somente papai. Não pudemos nos despedir de vovó. Assim como eu não pude me despedir de mamãe, e ela não deixou um bilhete para mim. Fez brigadeiro, pastel de queijo, bolo de banana caramelada para o meu aniversário, mas não deixou um recado, se me amava ou à minha irmã. Porque eu tenho certeza, da mesma forma que serei astronauta um dia, de que vovó Alda nos amou sim, e nunca desejou nos deixar aqui, sozinhos. Três homens e uma pequena mulher.

A médica

Heloísa desligou o telefone assim que terminou de contar para Arthur. Que vovó Alda morreu. Que os médicos fizeram tudo para salvá-la, injeção de adrenalina, choque elétrico, até massagem no músculo do coração. E nada. Nem uma resposta, nem uma despedida do marido, dos netos. Do filho.

A médica infectologista não costumava se envolver com as famílias dos pacientes com o vírus. Fazia as ligações telefônicas diárias, como eram obrigados a fazer os médicos da UTI. Mas naquela família havia algo diferente, algo que a atraía para uma lembrança do passado: a imagem de quando a própria mãe também os abandonou, ela, dois irmãos mais novos e um marido apaixonado. Porque o pai de Heloísa se parecia com o meu pai, e ela fazia questão de ligar todos os dias pela manhã bem cedo, assim que chegava ao hospital, para dar notícias da noite de vovó. E ligava à noite quando largava do plantão para atualizá-lo de como foi o dia.

Foi pouco tempo. Com um mês, vovó morreu. Levada pelo vírus que nos trancava cada vez mais em casa, que fazia Alícia acordar no meio da noite soluçando, chamando por mamãe e por vovó. Eu não podia entregar nenhuma das duas para a minha irmã.

Mas papai e Heloísa continuaram se falando ao telefone mesmo depois da morte de vovó Alda. A médica ligava para saber como estava vovô, se ele apresentou algum sintoma, se eu e minha irmã estávamos bem. Até o dia em que marcaram para se conhecer pessoalmente.

Papai sentou na beira da minha cama enquanto eu ainda estava dormindo. Não sei por quanto tempo ele ficou ali parado, só me observando. Ele não olhava para a grade de madeira, para a colcha de florezinhas amarelas e azuis da cama de Alícia. Mas olhava para o meu cobertor de xadrez preto e branco, para a fronha antiga do meu travesseiro de super-herói. Talvez porque eu não fosse mais criança. Talvez porque, apesar de eu ter lido o conteúdo da carta de mamãe, eu não perguntava nada para ele, parecia não querer saber por que ela nos abandonou?, para onde ela teria ido?, se ela fugiu mesmo com tio Felipe?, é por ele que ela nos trocou?

As perguntas estavam todas em minha mente, mas nunca pularam para a língua nem forçaram abrir a boca e correr para os ouvidos de papai. Porque eu também sentia o mesmo. Eu sentia como se mamãe fosse Laura, que nunca mais me ligou depois do dia quando ela, quase retirando o sutiã bege... e eu fiquei com aqui-

lo lá embaixo inchado, e roxo, e explodiu no vaso sanitário do banheiro do corredor, no apartamento de três quartos, cozinha, área de serviço e varanda do bairro da Tamarineira.

O apartamento

Quando eu abri os olhos, papai estava lá.

Sentado nos pés da minha cama sem grades, ao lado da cama com grades da minha irmã, para ela não cair no chão.

Papai olhava para mim sem piscar uma só vez. Como se os olhos não ficassem secos nenhum instante. Levantei assustado e sentei na cama, pensando que havia acontecido alguma coisa com vovô. Mas não era. Nem mesmo era sobre mamãe. Era sobre a médica Heloísa, a médica infectologista que não havia conseguido salvar a minha avó. Que iriam se encontrar pessoalmente pela primeira vez. Se eu poderia tomar conta de Alícia, de vovô e da cachorrinha Preta enquanto ele se encontrava pela primeira vez com Heloísa.

Eu queria ficar em pé e bater em meu pai. Queria dizer palavrões, ou palavras que o magoassem profundamente, que ele nunca mais me perdoasse por eu o acusar de culpado pela fuga de mamãe, pela morte de

vovó que não foi salva por Heloísa, que ele também iria nos abandonar naquele apartamento, eu, minha irmã, a cachorrinha e meu avô.

O apartamento ficava a duas ruas do hospital psiquiátrico da Tamarineira. Às vezes ouvíamos os gritos dos pacientes, e dava para ver, de longe, alguns deles soltos pelo pátio. Às vezes, um ou outro retirava a roupa e ficava nu – feito eu ficava nu enquanto me higienizava na entrada de casa. Quando conseguia ver os pacientes nus, sonhava que eu era um deles, e que não conseguia me controlar.

Mas eu consegui controlar a raiva de meu pai naquele momento, ele, ali, sentado nos pés da minha cama sem grades, enquanto minha irmã dormia tranquilamente ao nosso lado. Respondi que podia tomar conta dela, de Preta e de vovô. Ele disse que iria se encontrar com a médica na próxima segunda-feira, porque era o feriado da Independência do Brasil, e Heloísa não teria plantão no hospital.

Novamente, a raiva. Subiu para a minha garganta e tive vontade de gritar, e desejei vomitar nos ouvidos de papai toda a tristeza do mundo, toda a revolta com o mundo por tamanha injustiça. Que papai esqueceu o aniversário de Alícia no sete de setembro. Lembrei os pacientes do hospital da Tamarineira, olhei para o cobertor xadrez, preto e branco, lembrei o lance de xequemate que aprendi com Laura no início da quarentena, numa época antes de ela me abandonar.

Xeque-mate em três tempos. Libere espaço para a rainha se mover diagonalmente. Deixe a rainha ir para uma praia, quem sabe a praia de Maracaípe que mamãe gostava tanto? Para liberar a rainha, é preciso fazer o oponente expor o rei dele. Se ele mover o bispo para a casa f5, ou marcar para sair com a médica infectologista no sete de setembro, deixando-me sozinho com Alícia, Preta e vovô, o xeque-mate funcionará.

Faça o adversário avançar o peão do bispo até a casa g5, de modo que fique lado a lado com o meu peão, marcando com Sr. Luís – aquele motorista de táxi que mamãe sempre chama, lembrando a ele de higienizar bem o carro – para o mesmo dia e horário que papai irá se encontrar com Heloísa.

Agora, poderei mover a minha rainha na diagonal para a casa h5, porque o rei oponente estará preso em outro compromisso, minha rainha pode surgir radiante num vestido florido, no pontal da praia de Maracaípe, em direção a mim e a Alícia, no dia do aniversário de seis anos de minha irmã.

A praia

No meu aniversário de seis anos, eu disse para mãe que seria astronauta. Não sei mais se quero ser ou se poderei ser astronauta, depois da pandemia. As fronteiras estão fechadas, o Brasil, malvisto pelo mundo inteiro, talvez eu não consiga nem viajar para ali perto, para a praia de Maracaípe, no município de Ipojuca, a uma hora do nosso apartamento no bairro da Tamari-neira, a duas ruas do hospital psiquiátrico.

Se um dia for astronauta, irei para Vênus, e não para Marte. Irei para Vênus, porque lá encontraram fosfina – uma substância composta por um átomo de fósforo e dois de hidrogênio, altamente inflamável, que basta entrar em contato com o ar para explodir. E porque Vênus é o planeta das mulheres perdidas, ou que fugiram para longe, por não aguentarem a rotina de higienizar a entrada de casa todo dia cedo com água sanitária e pinho; e lavar, dia sim, dia não, os colchões da cama de vovô e de minha irmã; e fazer o almoço, mesmo quando não

sabe cozinhar muito bem; e lavar à mão as roupas que vêm da rua, para não contaminar a máquina de lavar.

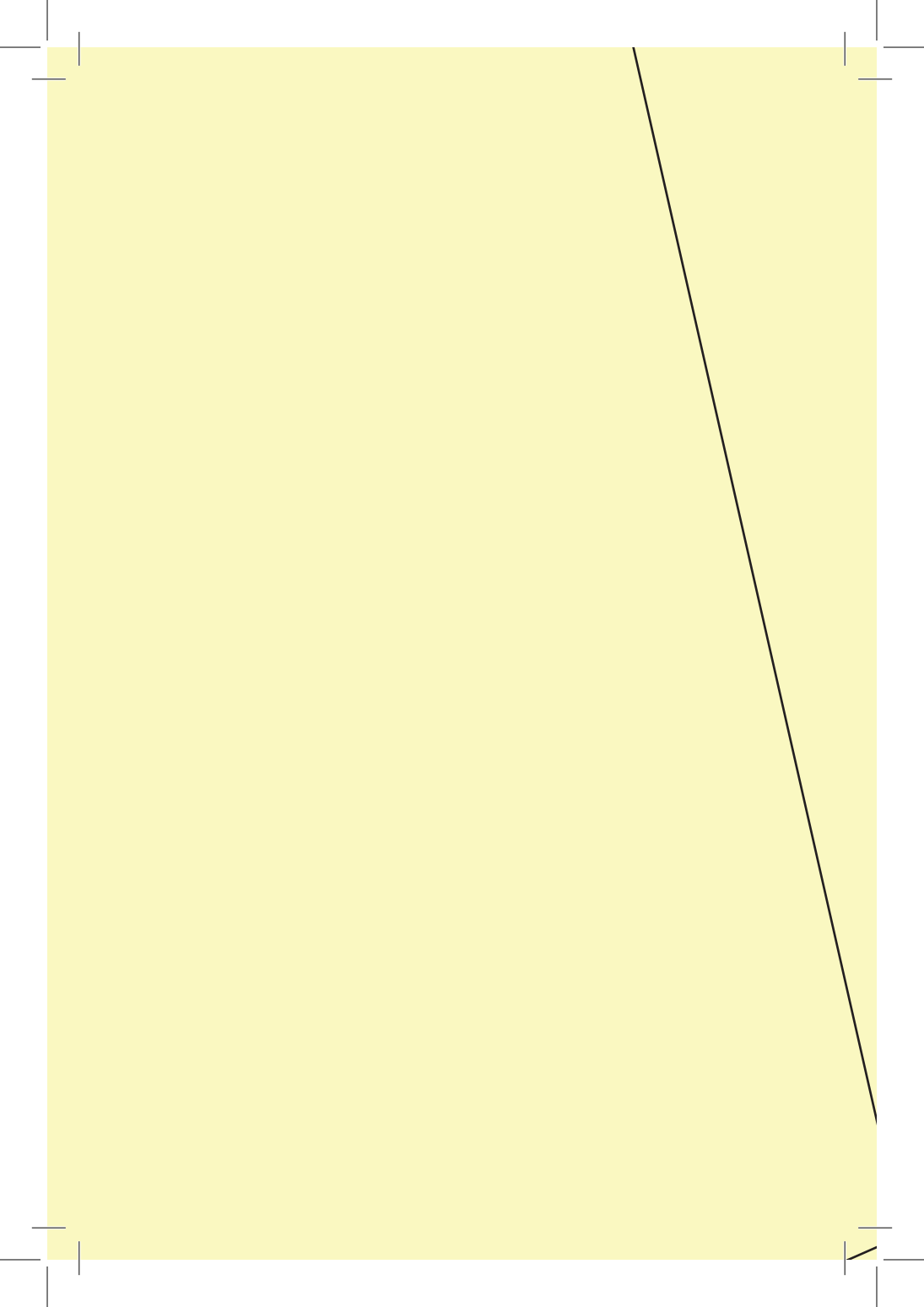
A praia de Maracaípe estava ainda vazia quando chegamos lá às sete horas da manhã. Papai saiu por um lado, para apanhar Heloísa no plantão do hospital às cinco horas; nós saímos por outro lado, às seis, com o Sr. Luís. Vovô não entendia nada quando entrei no quarto dele – que foi meu num dia bem distante – e ajudei ele a trocar de roupa, colocar a máscara, depois de comermos, rapidamente, uma papa de aveia – que não sei se estava boa – feita por mim. Alícia não reclamou do gosto. Vovô também não. Preta ficou quieta enquanto eu colocava a coleira. Parece que eles sabiam que estávamos em estado de fuga, a caminho de uma aventura inesquecível.

E foi inesquecível aquele passeio. Fomos pela estrada antiga, onde não precisávamos pagar pedágio – fazia seis meses que eu não sabia o que era dinheiro, de moeda ou de papel. Íamos vendo os verdes: as árvores, as plantações de cana-de-açúcar, coqueiros de coco bom de parar, subir no pé, abrir e beber sem canudinho, para não poluir ainda mais a natureza. As vacas, os cavalos, não sabiam o que era o vírus, não sabiam de nossas máscaras, por que as usávamos, nos protegíamos do quê? Eles apenas pastavam, os animais, livres, leves, soltos.

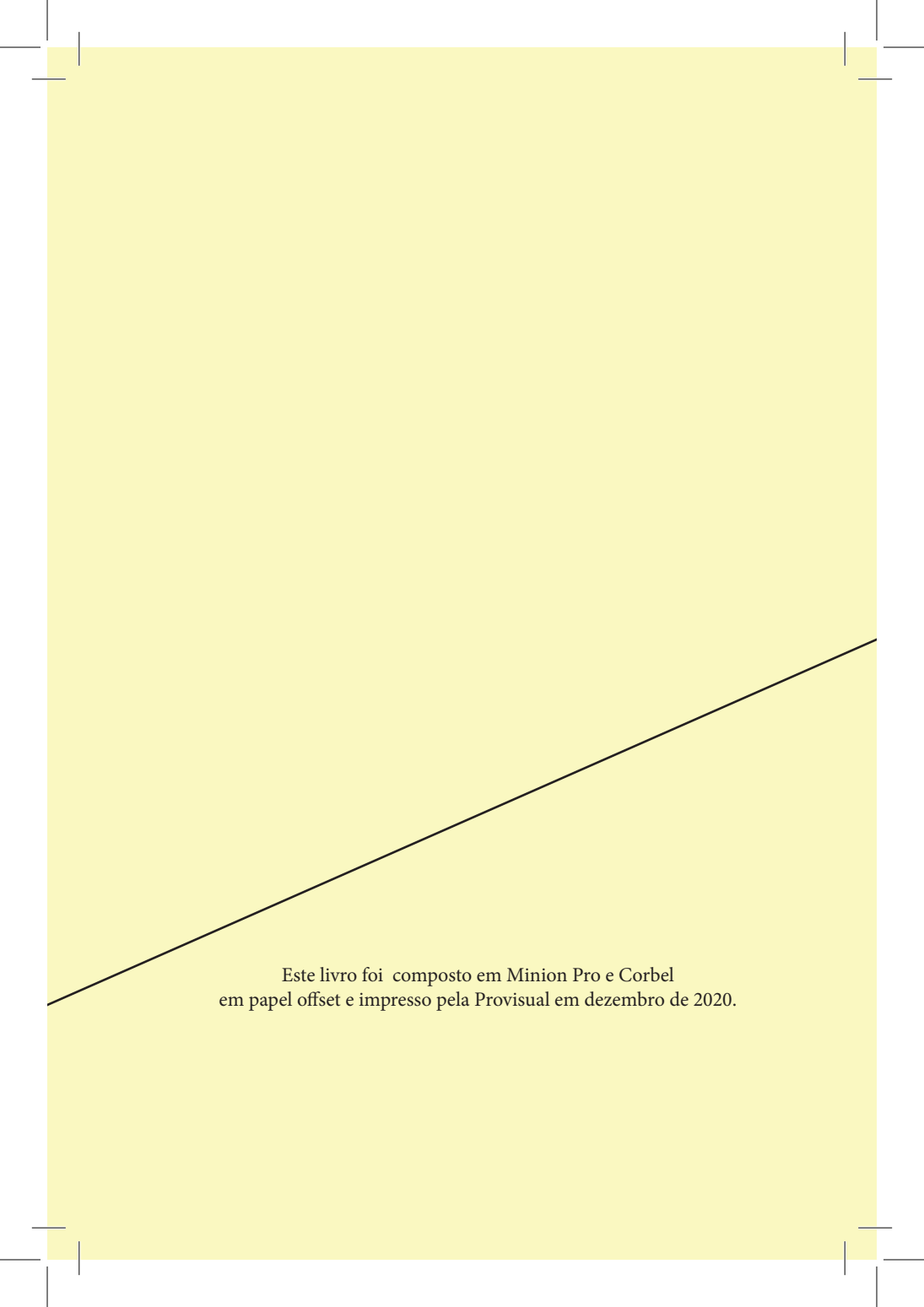
Chegamos à praia, na frente da pousada onde mãe costumava nos levar para passarmos o aniversário

de Alícia, em todo feriado do 7 de setembro. Vazio. A pousada. A praia. O mar.

Não me contive, saltei do carro assim que o Sr. Luís estacionou. Eu queria pisar logo na areia, feito o primeiro astronauta a pisar em Vênus, mesmo com a temperatura de cerca de 482 graus. Eu queria ser chamuscado, ali mesmo, naquela praia, independentemente se mamãe estava lá, se Laura telefonaria de novo para mim um dia, se algum dia eu poderia de novo mergulhar no mar. E não pegar o vírus contagioso. E não morrer de ataque de coração feito a minha avó. E percorrer o longo espaço, um espaço que parecia infinito, mas Alícia me alcançou e deu a mão, o espaço que levou segundos, mas poderia ser a vida inteira, da porta do táxi do Sr. Luís até a praia, as ondas altas, do mar aberto de Maracaípe.



Patricia Gonçalves Tenório é escritora, vinte livros publicados, sendo um deles, *A baronesa* (2020), em formato vídeo-podcast. Recebeu prêmios no Brasil e no exterior por *As joaninhas não mentem* (2006), *Grãos* (2007), *Como se Ícaro falasse* (2012), *A menina do olho verde* (2016) e pelo conjunto da obra em 2013. Mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS), ministra, desde 2016, cursos on-line e presenciais do grupo de Estudos em Escrita Criativa. Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

A large yellow rectangle occupies most of the page. A thin black diagonal line runs from the bottom-left corner of the yellow area to the top-right corner. At each of the four corners of the page, there are small black L-shaped marks, resembling crop marks or registration marks.

Este livro foi composto em Minion Pro e Corbel
em papel offset e impresso pela Provisual em dezembro de 2020.